



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Letras – IL**

**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP**

**ANÁLISE DO GÊNERO NARRATIVO NA PERSPECTIVA DAS ESTÓRIAS E DA  
DIDÁTICA NO ENSINO MÉDIO**

Jéssica Caetano Reis

Artigo final apresentado à Disciplina Projeto de Curso vinculada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Português

Orientadora: Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva.

Brasília

2021

## ANÁLISE DO GÊNERO NARRATIVO NA PERSPECTIVA DAS ESTÓRIAS E DA DIDÁTICA NO ENSINO MÉDIO

Jéssica Caetano Reis<sup>1</sup>

**RESUMO:** Com base nos estudos do Ciclo de Aprendizagem, este artigo analisa a estrutura do texto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto, encontrado no livro didático do ensino médio “Língua Portuguesa: linguagem e interação” de Carlos Emilio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Junior. Com o auxílio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), as questões de análise se dão em torno do ensino de gênero textual nas escolas e na sua respectiva didática. O estudo mostra atividades, presentes no livro didático, superficiais e mais interpretativas, porém relacionadas ao gênero textual e que de certa forma, influenciam na leitura e produção escrita, dificultando a compreensão, ou seja, influenciando no processo de ensino aprendizagem dos estudantes.

**Palavras – chave:** Gênero Textual, ensino aprendizagem, estrutura do texto.

**ABSTRACT:** Based on the studies of the Learning Cycle, this article analyzes the structure of the text "The boy who wrote verses", by Mia Couto, found in the high school textbook "Portuguese Language: language and interaction" by Carlos Emilio Faraco, Francisco Marto de Moura and José Hamilton Maruxo Junior. With the help of Systemic-Functional Linguistics (LSF), the questions of analysis are made of the teaching of textual gender in schools and their respective didactics. The study shows activities, present in the textbook, superficial and more interpretive, but related to the textual genre and that, in some kind of way, influences on reading and written production, making it harder to understand, influencing the teaching process learning of the students.

**KEYWORDS:** Textual genre, teaching learning, text structure.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Letras – Língua Portuguesa e respectiva Literatura – Universidade de Brasília (UnB). Email: [jessicactreis@gmail.com](mailto:jessicactreis@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Grande parte dos estudantes do Brasil, inseridos no Ensino Médio, apresentam dificuldades ao produzir um texto, sendo que esse antagonismo tem relação com a maneira que os professores lecionam em salas de aula, com foco maior na língua e não na estrutura do texto para que a produção ocorra. De acordo, com a perspectiva da Linguística Sistêmico – Funcional (LSF), “o contexto de gênero relaciona-se ao contexto da cultura e esses contextos realizam-se semanticamente nos textos” (MUNIZ,2018). Com isso, é possível perceber que os textos possuem uma estrutura de gênero.

A importância de se estudar os gêneros textuais deve-se ao fato de o aluno perceber a diversidade existente, fazendo com que determinados gêneros textuais possam ser agrupados e serem, conseqüentemente, nomeados em tipologias específicas. O estudante pode compartilhar “conhecimentos gramaticais adquiridos aos textos que lê e aos textos que escreve” (DUTRA & LISTO, 2007, pg 2). Com isso, os conceitos estabelecidos e definidos podem ajudar os alunos no processo de escrita e leitura, acarretando uma mudança no cenário do Ensino Médio.

Os gêneros textuais são compostos de diversas sequências textuais, ou seja, é comum que em um texto da tipologia narrativa seja possível encontrar características descritivas, sendo considerado “heterogêneo em relação às sequências textuais” (DUTRA & LISTO, 2007, pg 4) e com a intenção de existir sempre “a predominância de uma sequência sobre as demais” (DUTRA & LISTO, 2007, pg 4). Apesar dos diversos tipos de sequências textuais encontradas em um único texto, é possível perceber que existe uma ligação entre elas de forma com que facilite a leitura e o entendimento do texto.

Embora seja encontrada, em um mesmo texto, tipologia textual e sequência textual, é possível perceber os gêneros existentes, cuja definição é feita por Dutra e Listo (2007, pg 5):

Os gêneros são considerados como componentes da interação social e as sequências, como organizações linguístico-formais em interação no interior de um gênero (ADAM, 1992). As sequências textuais se fundamentam em critérios

intratextuais – linguísticos e formais. Os gêneros, por sua vez, em critérios extratextuais – sócio comunicativos e discursivos.

Nessa perspectiva, o trabalho presente tem como objetivo mostrar a importância de se estudar os gêneros textuais, de forma detalhada, para que facilite a escrita do estudante. Partindo para esse pressuposto, será mostrada a análise do conto “O menino que escrevia versos” – Mia Couto, de acordo com a classificação da família das histórias.

O conto foi retirado do livro didático: Língua Portuguesa, Linguagem e Interação (FARACO, MOURA, MARUXO JR, 2016), destinado ao Ensino Médio e após a análise do conto, as perguntas pertencentes ao livro serão apresentadas com o intuito de observar de que maneira os gêneros textuais são cobrados, se ocorre mais perguntas relacionadas à interpretação do conto ou se tem um foco maior na estrutura do gênero textual.

A obra citada anteriormente buscará responder as seguintes questões: Trata-se de uma narrativa? Quais as etapas são sobressalentes de acordo com a classificação das histórias? O conto contém todas as etapas para que de fato seja caracterizado como uma narrativa? A separação das etapas auxilia de que forma o ensino aprendizagem dos estudantes? A partir da constatação desses elementos, refletiremos sobre os elementos presentes no conto para no fim, observar de que maneira os gêneros textuais têm sido ensinados nas salas de aula e de que forma prejudica ou beneficia a leitura/escrita.

## **1. O conto na perspectiva das histórias**

## COMPLIÇÃO

(problema) — Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. (episódio) O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— Há antecedentes na família?

— Desculpe doutor?

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não.

(descrição) O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias.

(comentário) Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

(reação) — Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

(comentário) Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

(episódio) Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. (reação) O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

— São meus versos, sim.

(episódio) O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola.

(comentário) Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

(comentário) Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

(reação) — O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica.

(comentário) Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

(reação) Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

(episódio) — Dói-te alguma coisa?

—Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: (reação) Está a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo.

(episódio) — E o que fazes quando te assaltam essas dores?

— O que melhor sei fazer, excelência.

— E o que é?

— É sonhar.

(reação) Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

(episódio) O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

(reação) A mãe, em desespero, pediu clemência. (episódio) O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente. Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendi dos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

## SOLUÇÃO

(**episódio**) O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

(**solução**) Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

(**comentário**) Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— (**reação**) Não pare, meu filho. Continue lendo...

Antes de iniciarmos profundamente a análise, é preciso entender que esta análise parte do panorama Escola de Sydney, na qual os “gêneros são interpretados de uma perspectiva semiótica e social” (MUNIZ, 2018). O seu programa de letramento é baseado nos objetivos curriculares, ou seja, gêneros que devem ser estudados por estudantes ao longo do período escolar, compreendendo ensino fundamental e médio.

A Escola de Sydney estabelece a maneira em como os textos devem ser organizados, sendo dividido em etapas e fases, para que o propósito social, como citado anteriormente, seja alcançado. Com isso, surge-se as histórias, dividida em 5 (cinco) tipos principais, na qual o objetivo é o entretenimento dos leitores.

Para fragmentarmos as partes do texto, é importante ressaltar que essa análise repleta de etapas é fundamental para que o objetivo seja conquistado. Com isso, após a classificação do conto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto, como uma narrativa, na qual é composta pelas seguintes etapas: Orientação, Complicação e Resolução.

“Cada etapa inclui uma ou mais fases” (MUNIZ, 2018), então, as etapas são responsáveis por organizar toda a estrutura do texto e as fases têm a missão de organizar a maneira em que o texto se desenvolve, por isso que é de extrema eficácia identificar as fases para que os estudantes possam ter uma melhor compreensão do que está sendo lido e conseqüentemente, uma melhoria na escrita.

Adentrando na fragmentação da estrutura do conto, partimos da ideia de que a narrativa não contém a etapa Orientação, pois os personagens não são apresentados, não há descrição de cenário, pelo contrário, o texto já se inicia com um problema. Apesar de ser uma narrativa e não conter uma das 3 (três) etapas necessárias, ainda deve ser classificada como tal, porque existe a solução do problema ao final do conto. Muniz (2015) afirma que “a Narrativa tem o propósito de solucionar uma complicação ou uma sequência de eventos que geram crises na estória”.

Partindo para a análise da segunda etapa, Complicação, podemos perceber que ela é a responsável por iniciar o conto, é ela que instaura o problema, ou seja, o desequilíbrio por parte do filho, no qual o personagem principal escreve versos, e essa situação não é aceita por sua família. Ao analisarmos as sequências de fases problema ^ episódio ^ descrição – percebemos que o problema é desencadeado pelo pai, o qual não aceita a situação, o episódio faz referência a situações da narrativa e a descrição é ensejada por um detalhamento de características do personagem ‘pai’ logo no início da narrativa.

É importante ressaltar que só ocorre apenas uma etapa da Complicação, pois a narrativa é desencadeada por um único problema, que se repete ao longo do conto, então, apesar de existir o comentário e reação, fases denominadas como Avaliativas, de acordo com o Ciclo de Aprendizagem, não é possível afirmar que ocorre uma nova etapa, prevalecendo ainda a Complicação da narrativa.

Os comentários, presentes no conto, estão no discurso indireto, o que dificulta a diferenciação entre a fala do personagem, no discurso indireto, com a fala do narrador. É possível perceber que ocorre 2 (duas) reações, a do médico e a da mãe, Serafina. Contudo, é possível perceber que o único personagem que tem

nome próprio é a mãe, atitude ligada com o fato da matriarca defender o filho no momento em que o pai cogita retirá-lo da escola.

O primeiro comentário da narrativa, localizado no 7º (sétimo) parágrafo, decorre de um estereótipo de gênero, pois o narrador relata que o fato do personagem pai nunca ter agredido fisicamente a mãe, significa que ele sempre a tratou bem, não deixando claro se ocorreram agressões verbais ou psicológicas, porém é relatado que o patriarca da família não era gentil ou amoroso.

Após a fragmentação da estrutura do conto e a perspectiva do Ciclo de Aprendizagem, partiremos para a análise do ensino do gênero textual na escola e sua grande contribuição para a leitura e produção escrita.

## **2. O gênero textual como grande pilar da leitura e da produção escrita**

Depois da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC), os estudos acerca dos gêneros textuais ganharam mais importância, pois propostas didáticas surgiram, seguido de um trabalho mais significativo, no qual perceberam que é a partir do gênero textual que a leitura, seguida da escrita pode melhorar. Com isso, é de fundamental importância investir na produção de textos, no qual os estudantes escrevem discursos vivos e não frases isoladas. Bakhtin (2003) afirma que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Ainda em busca da contribuição dos gêneros textuais para o ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, define que é preciso levar em conta algumas habilidades para a aprendizagem, entre elas, podemos destacar a “consolidação do domínio dos gêneros textuais e a ampliação do repertório” (BNCC, 2018, pg 491), junto com uma maior “atenção nas habilidades envolvidas na produção de textos” (BNCC, 2018, pg 491). Contudo, é possível perceber que o currículo tem como uma de suas prioridades a aprendizagem nas produções textuais, optando também pelo ensino de “gêneros mais complexos relacionados com a apuração e o relato de fatos e situações” (BNCC, 2018, pg 495).

A Base Nacional Curricular organiza as habilidades de Língua Portuguesa em campos de atuação social, no qual um deles faz referência à prática de estudo e pesquisa, tendo como foco, mais uma vez, o gênero textual e suas respectivas habilidades desenvolvidas na leitura, produção e interação entre os textos. Portanto, é possível perceber que para obter êxito em uma produção textual é necessário ter como um grande pilar o gênero textual, pois é ele que permite o desmembramento e entendimento de cada estrutura para melhor compreensão do estudante em textos técnicos e abstratos. Por fim, podemos garantir que a BNCC (2018, pg 510) assegura a importância de se estudar os gêneros textuais e aos poucos ir aumentando o nível de complexidade nos estudos para melhor preparar os alunos na seguinte afirmação:

Considerar a diversidade de gêneros escritos, orais e multimodais ao longo dos três anos, buscando o equilíbrio entre os informativos, argumentativos e apreciativos, entre os mais complexos (documentários, reportagem multimidiática, ensaio etc.) e os menos complexos.

### **3.Os gêneros textuais na perspectiva didática**

Após a análise do BNCC, partimos agora para um olhar mais crítico de como as questões são abordadas no livro didático com o objetivo de analisar a questão do gênero na perspectiva didática, porém, para que isso acontecesse, foi escolhido um livro de uma coleção do ensino médio “Língua Portuguesa: linguagem e interação” de Carlos Emilio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Junior (FARACO, MOURA e MARUXO Jr).

A escolha desse material didático, para análise, deveu-se ao fato do conto “O menino que escrevia versos” estar inserido como texto para a introdução do conteúdo de gênero textual, além de ter sido exposta ao Guia do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/2011 (BRASIL,2010). Portanto, por ter sido aprovada pelo Guia, é um material que garante proficiência na leitura, no ensino de gêneros e Marcuschi (2008, página 149) afirma que o estudo dessa categoria

é cada vez mais multidisciplinar, ou seja, para o autor (2003, página 22) é impossível a interação verbal ocorrer sem ser por meio de um gênero textual.

Após vários estudos realizados, ficou comprovado que estudantes apresentavam dificuldades no momento da escrita e isso deve-se ao fato à falha no ensino de gêneros textuais, ou seja, o foco do ensino estava voltado para o modelo de estrutura do texto, ligado a aspectos microestruturais, como o domínio gramatical (ortografia, acentuação, morfossintaxe, pontuação e propriedade vocabular). Bezerra (2015, página 145) afirma:

Mandava-se o aluno escrever, mas não se objetivava a elaboração do discurso, o propósito interacional, e sim a adequação às questões gramaticais, como no uso dos tempos verbais, no nível de adjetivação, na colocação de conectores, etc.

Para entender um pouco sobre o ensino dos gêneros textuais, é preciso conhecer o material didático utilizado e as 10 (dez) questões abordadas.

### **3. Material didático analisado**

A obra analisada possui 335 páginas, 4 (quatro) unidades e 7 (sete) capítulos, nos quais são divididos para os três anos do ensino médio (1º ano, 2º ano e 3º ano). As unidades são compostas de análise, compreensão, discussão e produção de um gênero textual, sendo dividida por temas específicos. Por exemplo, o conto, no qual encontra-se “O menino que escrevia versos” está na unidade 1(um), que é composta por 5 (cinco) textos. A cada 2 (dois) capítulos, forma-se uma única unidade, composta de vários temas que conversam entre si e fazem parte dos gêneros textuais.

Após a leitura do conto, é possível perceber 10 (dez) questões referentes ao gênero textual, que são:

- 1) Releia os versos que introduzem o conto, escritos pelo menino que protagoniza a história. Agora que já leu todo o conto, como você interpreta

esses versos? Responda às questões desta seção no caderno ou oralmente, conforme orientação do professor.

- 2) Os quatro primeiros parágrafos do texto constituem uma cena. Junte-se a dois colegas e façam uma leitura expressiva, com gesticulação adequada, desse trecho do texto, considerando os elementos da cena. Um aluno fará a mãe do menino, outro será o menino e um terceiro fará o médico.

— Há antecedentes na família?

— Desculpe, doutor?

O médico destrocou-se em tim-tins. (linhas 11-13)

a) Como deve ser entendida a frase dita pela mãe?

b) reúna-se com um colega. Faça você as vezes do médico e “destroque-se em tim-tins”, ou seja, explique o sentido da pergunta feita à mãe do menino

- 3) Recorde as quatro personagens da história.

a) Quais são elas?

b) Uma dessas personagens está ausente no momento das consultas do menino. Em sua opinião, o que explica essa ausência?

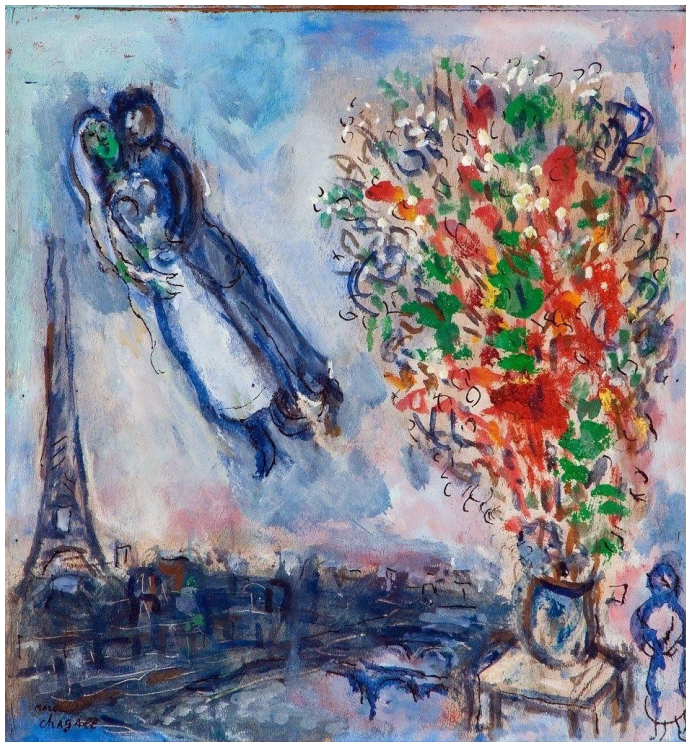
c) Além dos versos, incomoda ao pai saber que o menino sonha. De acordo com o pai, qual o sentido de sonhar? E de acordo com o menino?

d) Qual é o sentido que sonhar tem para você? Por quê?

e) Explique a relação, no conto, entre sonhar e fazer versos. Apoie sua resposta em elementos do texto.

- 4) O fato de o garoto escrever versos incomoda bastante o pai do menino. Por quê?

5) Em 2009, produziu-se no Brasil uma exposição intitulada O mundo mágico de Marc Chagall — O sonho e a vida. Marc Chagall (1887-1985) foi um pintor russo de ascendência judaica que passou a maior parte de sua vida na França. Entre outras, exibiram-se estas obras:



Responda oralmente:

- levando em conta as imagens reproduzidas aqui e que fizeram parte da exposição de Chagall, por que essa exposição ganhou o nome indicado?
- Que relação se pode perceber entre essas imagens e o conto lido?

6) Releia este trecho do texto:

— Dói-te alguma coisa?

— Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera.

Você acha que também ficaria surpreso se ouvisse essa resposta? Por quê?

7) Por que o médico sugeriu que o menino fosse internado e em sua própria clínica?

8) Releia o último parágrafo do conto e responda:

a) Pode-se afirmar que o médico percebe o valor do sonho? De que modo ele lida com isso ao tratar com a mãe do garoto?

b) A narrativa tem um final esperado ou surpreendente? Explique

9) Observando as atitudes do médico nesse conto, pode-se afirmar que a ele faltava o espaço do sonho. Explique essa ideia, se concordar. ou argumente mostrando por que não concorda com esse ponto de vista.

10) Que tipo de acolhida você imagina que as pessoas de sua convivência — familiares, amigos, vizinhos, conhecidos — dariam a um garoto que gostasse de escrever versos como o menino do texto? Por quê? E qual é sua opinião a respeito desse menino?

Após a leitura das questões acerca do conto “O menino que escrevia versos”, podemos perceber que as atividades são fundamentais para a contribuição da aprendizagem. Marcushi (2002), afirma que “o trabalho do texto deve ser feito na base dos gêneros”, com isso, podemos perceber que as questões referentes ao livro didático são generalizadas e resumidas, ou seja, na primeira questão, trata-se de versos, como eles são interpretados, não ficando claro se é algo relacionado à própria classificação do verso, envolvendo um pouco da literatura, ou se é uma simples questão interpretativa. Tal situação pode ser característica de um problema futuro, pois Scheneuwly e Dolz (2004), partem do princípio de

que “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes”. Com isso, percebemos que a escola é um lugar adequado para que essas práticas relacionadas ao gênero textuais venham a ocorrer de forma mais aprofundada.

Partindo para a questão de número dois, envolve encenação, em como os alunos interpretariam determinada cena, mais uma vez, a questão é relacionada à interpretação e não na forma em como o texto foi estruturado, pois ele também “tem uma organização interna, mas não baseada na gramática. Sua organização é semântica e muito mais “livre” que a organização das unidades gramaticais” (DUTRA,2007) .

A questão de número três é mais uma relacionada à interpretação, além de abranger e resumir o conto, não estimula o aluno ao desmembramento do texto, apenas perguntas quem são os personagens da história, quem não estava presente no momento da consulta. Além das perguntas serem simplificadas, as respostas são curtas e baseadas no que o aluno acha, ou seja, resposta pessoal.

A pergunta quatro é constituída em apenas uma linha, porém o aluno deve refletir e justificar a sua resposta. Apesar de pedir uma justificativa, a questão faz referência ao sentimento do personagem pai e o início do conto responde a pergunta.

Contudo, apesar de percebermos que algumas questões são superficiais, precisamos entender que o livro didático não tem o compromisso e nem condições de propor que o professor divida o texto em partes, de acordo com cada nível do ciclo de aprendizagem para desenvolver as habilidades de escrita e leitura. Muniz (2015) relata como que deve ser feita a atividade:

Em aula, os professores fazem perguntas aos estudantes sobre o texto e ouvem suas respostas. A finalidade das perguntas e respostas é o/a professor/a conferir se os alunos compreenderam o texto ou não, para engajá-los no próprio processo de aprendizagem e levá-los a se concentrar na atividade. O papel do/a professor/a é reelaborar as respostas dos alunos, oferecendo-lhes mais detalhes, razões, explicações, generalizações e especificações.

A questão número cinco, apresenta duas imagens, porém com o foco na letra “A”, podemos perceber algo bastante descontextualizado com o conteúdo de gênero textual e seu respectivo conto, já a letra “B” é pedido que o estudante relacione as imagens com o texto “O menino que escrevia versos”, apesar de permitir uma reflexão com outras áreas do conhecimento, ainda é uma questão subjetiva, com resposta pessoal.

A pergunta seis tem um foco maior no conto, porém é o que o aluno acha/ entende, partindo rapidamente para a análise da questão de número sete, podemos perceber que é mais uma interpretação do que desmembramento do texto para a melhoria da habilidade da leitura e produção. A pergunta número oito também é relacionada ao médico e na forma em que ele lida com toda essa situação. A questão nove é interessante, pois pode fazer o estudante refletir a respeito do que o médico achava sobre o sonho, ou seja, não é uma pergunta que está explícita no texto, pelo contrário, é preciso uma reflexão a cerca do que foi entendido. Por último, a questão dez é subjetiva e de cunho pessoal.

Após o entendimento a cerca da análise das questões, podemos perceber que todas são perguntas rápidas, seguidas de respostas curtas e subjetivas, impossibilitando o entendimento profundo do conto. Trazendo a análise feita para a vida escolar, Antunes (2003) afirma:

muitos pontos negativos das atividades pedagógicas, reconhecendo que os professores têm se esforçado bastante para trazer à escola mais qualidade e êxito no ensino, porém muitos aspectos devem ser revistos e melhorados. Segundo ela, no ensino ainda prevalece a perspectiva pedagógica voltada para o ensino da palavra/frase descontextualizada, onde os professores deixam de lado a leitura e a oralidade.

De acordo com o Ciclo de Aprendizagem, é interessante que o professor saiba orientar e desmembrar cada nível do ciclo, baseado na pedagogia de gêneros, para que os estudantes adquiram habilidades da leitura, entendam da forma correta o que está escrito no texto e conseqüentemente, possam aprender a

escrever bem. Então, de acordo com o ciclo de Aprendizagem, existem alguns níveis que permitem uma boa compreensão do texto, nos quais são:

Nível 1 - Leitura, Construção Conjunta e Escrita Independente – Nessa etapa percebemos que a leitura aconteceu, a construção conjunta ocorre parcialmente, quando as questões pedem para que a cena seja encenada com os colegas e a escrita independente não ocorre, ou seja, após o término das questões, o conteúdo dá-se por finalizado.

Nível 2 – Leitura Detalhada, Reescrita Conjunta e Reescrita Individual – Aqui, podemos perceber que somente a leitura detalhada acontece, ou seja, em nenhum momento as questões do livro didático pedem para que uma reescrita conjunta e individual, a respeito do que foi lido, sejam feitas.

Nível 3 – Construção do Período, Pronúncia e Escrita do Período – Último nível e depende de máximo suporte fornecido aos estudantes para que suas habilidades sejam desenvolvidas. Períodos são selecionados para auxiliarem na compreensão do texto, caso esse que ocorre nas questões de número 2 e 6, porém elas são mais interpretativas.

Antunes (2003) afirma que “os gêneros textuais são a ferramenta mais eficaz para as práticas de leitura, produção textual e oralidade”, ou seja, é necessário que a capacidade de compressão e interpretação sejam privilegiadas, com isso, as questões pertencentes ao livro didático, devem integrar nas habilidades linguísticas. Com isso, é de extrema importância que textos, pertencentes ao material didático escolar, sejam escolhidos em equilíbrio com as atividades propostas, Marcushi (2008) realça sua preocupação em gêneros voltados para a compreensão de textos.

Por fim, Antunes (2003) diz que:

na perspectiva do estudante obter êxito, o professor(a) precisa exercer o papel de mediador (a), que além de propor metodologias diferenciadas, promova atividades com o intuito de explorar o estudo do texto e seus variados gêneros.

Assim, além do grande papel do professor entender como deve ser feito o processo de ensino, através do ciclo de aprendizagem, é necessário que didáticas diferenciadas sejam elaboradas, incluindo as questões pertencentes ao livro didático no ensino médio.

#### **4.Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo mostrar que é necessário estudar de forma completa o que é gênero textual, além de classificar o conto escolhido como a família narrativa das histórias. Como vimos anteriormente, o gênero textual é o grande responsável para um bom desenvolvimento na leitura e na produção escrita.

Apesar do sistema educativo ofertar gêneros textuais por estar presente no BNCC, podemos perceber que é um ensino superficial e incompleto, no qual o livro didático analisado oferta questões superficiais também, consideradas mais interpretativas do que com foco na estrutura textual narrativa.

O ciclo de aprendizagem, baseado em propostas pedagógicas, mostra com bastante clareza e objetividade como deve ser ensinado os textos para que o aluno obtenha êxito na produção escrita, porém o papel e compressão do professor é fundamental, no qual “o emprego dessas estratégias requer que o/a professor/a planeje as aulas com o objetivo de engajar todos os estudantes em atividades de aprendizagem desafiadoras” (MUNIZ, 2015).

Diante o exposto, percebemos que o trabalho de gêneros textuais, além de influenciar na leitura e produção escrita, ainda tem um papel fundamental na língua materna, por se tratar de um processo comunicativo.

Concluimos, portanto, com a ajuda dos livros usados para a análise desse trabalho, que os gêneros textuais trazem consigo conteúdos e textos relevantes para um bom desenvolvimento e que o ciclo de aprendizagem é fundamental para que todos os alunos desenvolvam as habilidades que eles precisam ao longo do ensino médio. É com esse pensamento que os livros didáticos devem ser produzidos, com questões que realmente fazem o estudante desmembrar cada parte do texto.

**Referências Bibliográficas:**

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

DUTRA, Vania L. R. Relações conjuntivas causais no texto argumentativo. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2007 BRASIL.

Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

SILVA, Edna Cristina Muniz. Ciclo de Aprendizagem Baseado em Gêneros. Artigo Científico. Catalão – GO, 2015.

BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 136

Brasil. Ministério da Educação. (2007). Guia de livros didáticos PNLD 2011 : Língua Portuguesa . Ministério da Educação. Brasília: MEC

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

SILVA, Edna Cristina Muniz da. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. DELTA, São Paulo, v.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Gêneros Orais e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.